

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Departamento de Sociologia

FAMÍLIAS, FECUNDIDADES E FUNÇÕES DOS FILHOS:

O IMPACTO DO TEMPO E DOS CONTEXTOS SOCIAIS

Vanessa Cunha

Tese submetida como requisito para a obtenção do grau de

Doutor em *Sociologia*

Especialidade: Sociologia da Família e da Vida Quotidiana

Orientadora:

Prof. Doutora *Karin Wall*

Setembro, 2006

Esta tese foi realizada com o apoio financeiro
da Fundação para a Ciência e a Tecnologia e do Fundo Social Europeu
(PRAXIS_XXI/BD/21335/99), no âmbito do 2º Quadro Comunitário de Apoio

RESUMO

As sociedades ocidentais testemunharam profundas mudanças no lugar da criança na família ao longo do século XX: mudanças *quantitativas*, no recuo da fecundidade e na consolidação do modelo ideal de descendência ancorado na “norma dos dois filhos”; mas também *qualitativas*, nas motivações para a procriação e nas funções que os filhos desempenham na vida familiar, já não de ordem instrumental, como no passado, mas eminentemente afectivas. Estes dois traços emblemáticos do lugar da criança na família contemporânea – “norma dos dois filhos” e primado dos afectos – têm concorrido para a concepção do “modelo procriativo único”.

A presente tese pretende, justamente, interpelar esta concepção, apreendendo a diversidade de modos de representar e construir o lugar dos filhos nas famílias, tanto a nível da fecundidade, como das funções que os filhos detêm no quadro da vida familiar. A partir de uma pesquisa extensiva às famílias portuguesas com filhos (1999) – onde auscultámos as aspirações, representações, práticas e tensões procriativas das inquiridas, assim como as funções simbólicas e práticas dos filhos – apreendemos dois grandes eixos de mudança num período recente e intenso da história portuguesa (início dos anos 70 a meados de 90): a modernização da fecundidade e a diluição do papel instrumental dos filhos, nomeadamente nas suas vertentes produtiva e assistencial. Mas estas linhas de mudança cruzam-se com uma paisagem social plural, onde a diversidade é, então, a nota dominante. A partir dos contextos sociais das inquiridas chegámos a diferentes perfis – tradicionais, de transição e modernos – que coexistem na sociedade portuguesa contemporânea.

Palavras-chave: *fecundidade, funções dos filhos, mudança social, diversidade social*

ABSTRACT

Western societies have witnessed large-scale changes in the place of children in the family throughout the twentieth century: not only *quantitative* changes, related to the decline in fertility rates and to the consolidation of an ideal model of offspring known as “the two child norm”; but also *qualitative* changes, linked to the motivations for childbearing and the functions that children fulfil in family life which are no longer instrumental, as in the past, but mainly emotional ones. These two main trends of the place of children in present-day families have given rise to the idea of an “unique childbearing pattern”.

The present thesis challenges this idea, by looking at the different ways of representing and building the place of children in families, and by taking into account, not only fertility trends, but also the functions of children. The data for this research was taken from a 1999 survey on Portuguese families with children, where we analysed fertility representations, expectations, behaviours and constraints, as well as the functions of children, both symbolic and practical. Findings reveal two main lines of social change in the recent period of Portuguese history (from the beginning of seventies to the middle of nineties): the modernisation of fertility and the decline in instrumental functions, namely the productive and support ones. But these changes interact with a plural social landscape, where diversity prevails. Analyses of the social contexts of the women interviewed showed that different profiles – traditional, transitional and modern ones – coexist nowadays in Portuguese society.

Key-words: *fertility, children’s functions, social change, social diversity*

AGRADECIMENTOS

As minhas primeiras palavras de agradecimento vão para as instituições que apoiaram *Famílias, fecundidades e funções dos filhos*. À Fundação para a Ciência e a Tecnologia, pelo financiamento que viabilizou a sua realização. Ao Departamento de Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e ao Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, por terem aceite enquadrar este doutoramento quando ainda não passava de um breve esboço. Quero ainda agradecer ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, “casa” que me acolhe há já alguns anos nas minhas andanças de investigadora.

Uma tese de doutoramento é um trabalho que se estende no tempo, muito além do tempo estrito da sua produção. O interesse por um dado objecto de análise já vem de trás e ficam sempre pontas soltas para agarrarmos mais à frente. Quero, por isso, recuar no tempo para expressar o meu agradecimento à Professora Karin Wall, que há quase 10 anos me lançou o desafio de participar em «Famílias no Portugal Contemporâneo». A oportunidade de trabalhar num grande projecto foi fundamental na minha aprendizagem do “ofício” de investigadora em ciências sociais e das reuniões de equipa retirei muitos e inestimáveis ensinamentos. Agradeço a todos esses colegas que, com os seus saberes e pontos de vista, enriqueceram a presente tese. À Sofia Aboim, ao Pedro Vasconcelos, ao Rodrigo Rosa, à Piedade Lalanda, à Ana Nunes de Almeida, à Isabel André, à Maria das Dores Guerreiro. Mas em especial à própria Karin Wall, não só por todas as lições de sociologia da família, mas também por mais esta orientação, sempre atenta aos nossos ritmos individuais mais e menos intensos, que ora requerem autonomia ora precisam das suas palavras sábias e de estímulo para acalmar os nossos desassossegos momentâneos.

Mas uma tese de doutoramento também é um trabalho que se estende no espaço, porque invade e é invadida por outros espaços significativos das nossas vidas. A minha família foi uma presença constante e reconfortante ao longo destes anos. Os meus pais, com a incansável disponibilidade com que me acolheram diariamente na sua casa, acrescida de um constante trabalho de “bastidores”, proporcionaram-me todas as condições para

construir um espaço de trabalho ameno e produtivo. O meu companheiro João, que tem vindo a adiar (e a adiar...) projectos seus, para eu realizar o meu. O meu filho Ricardo, que ao longo destes dois anos e meio (mais alguns meses intensos de vida no ventre!) invadiu inteiramente o espaço de todos nós com alegrias, inquietações e afazeres, mas sobretudo com muitas e surpreendentes aprendizagens e conquistas. Ele transformou numa realidade plena de sentido os últimos anos deste percurso sobre a compreensão do lugar dos filhos na família. A todas estas pessoas fantásticas, a minha sincera gratidão.

As próximas palavras são para os meus amigos, próximos e distantes geograficamente. A eles devo um pedido de desculpa pela longa “ausência”, que fez com que tivesse perdido a oportunidade de partilhar os momentos bons e menos bons pelos quais todos eles passaram ao longo destes anos.

Por último, um agradecimento especial a duas pessoas. À Vera, pela preciosa ajuda na tarefa ingrata e morosa da revisão final da tese. À Mafalda, pela persistência com que me “pediu contas” numa fase final que parecia não mais ter fim e pela empenhada e cuidadosa revisão bibliográfica. Obrigada a ambas.

ÍNDICE GERAL

Índice de quadros	10
INTRODUÇÃO GERAL	15
PARTE I O LUGAR DA CRIANÇA NA FAMÍLIA: ITINERÁRIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	22
capítulo 1 Alguns tópicos e pistas de reflexão para uma sociologia do lugar dos filhos nas famílias contemporâneas	23
1.1 <i>Viagem</i> ao passado: a “primeira revolução contraceptiva” e a sentimentalização da infância	23
1.1.1 A “primeira revolução contraceptiva” e a precocidade francesa	24
1.1.2 A sentimentalização moderna da infância	27
<i>Da indiferenciação e indiferença pré-modernas...</i>	29
<i>... ao duplo sentimento da infância</i>	32
1.1.3 Uma crítica à tese da sentimentalização: outra explicação para a precocidade francesa	34
1.2 A “segunda revolução contraceptiva”: os avanços no campo da contracepção e o seu alcance na fecundidade contemporânea	35
1.2.1 Os limites da “segunda revolução contraceptiva”: a centralidade da procriação e a “norma dos dois filhos”	39
1.3 A criança no centro das finalidades afectivas da vida familiar	44
1.3.1 Um “bem de consumo afectivo”	44
1.3.2 A estabilização emocional dos adultos	46
1.3.3 A diluição das funções tradicionais dos filhos	48
1.4 A redescoberta das funções dos filhos nas famílias contemporâneas e da sua diversidade social	49
1.4.1 Funções, fecundidade e contextos sociais	51
1.4.2 Funções e solidariedades intergeracionais	53
<i>Dos pais...</i>	54
<i>... aos pais dos pais</i>	55
Capítulo 2 O lugar dos filhos nas famílias portuguesas contemporâneas	58
2.1 A fecundidade portuguesa contemporânea no contexto europeu	58
2.1.1 Os ideais e as aspirações de fecundidade	68
2.1.2 As razões dos desfasamentos entre os ideais e as práticas	73
2.1.3 O planeamento familiar e a interrupção voluntária da gravidez	75
2.2 Mudanças e permanências no valor social da criança nas famílias portuguesas	81
2.2.1 A centralidade dos filhos no quadro das estratégias procriativas e educativas: a limitação da descendência e a promoção social da criança	82

2.2.2	A centralidade dos filhos e as novas alianças entre identidade, conjugalidade, e parentalidade	87
2.2.3	As funções dos filhos e o primado dos afectos	91
2.2.4	As funções instrumentais dos filhos e a persistência de desigualdades sociais	95
	<i>O trabalho infantil na sociedade portuguesa contemporânea</i>	96
	<i>A mão-de-obra familiar, doméstica e domiciliária</i>	99
	<i>A contribuição monetária</i>	101
	<i>A contribuição instrumental, o valor do trabalho e a escola incerta</i>	103
2.2.5	A criança no quadro das solidariedades familiares e as desigualdades sociais	105
Capítulo 3	O modelo de análise e as opções metodológicas	110
3.1	A delimitação do(s) objecto(s): a fecundidade e as funções dos filhos	110
3.1.1	A operacionalização da fecundidade	112
	<i>As aspirações procriativas</i>	112
	<i>As representações procriativas</i>	113
	<i>As práticas procriativas</i>	115
	<i>As tensões procriativas</i>	116
3.1.2	A operacionalização das funções	117
	<i>As funções simbólicas</i>	118
	<i>As funções práticas</i>	120
3.2	As hipóteses	121
3.3	As linhas de investigação do lugar dos filhos no âmbito do projecto «Famílias no Portugal Contemporâneo»	124
3.3.1	Uma aproximação feminina e extensiva à vida familiar	125
3.3.2	A população-alvo e a amostra	127
3.4	Os indicadores, as perguntas e o tratamento do questionário	128
3.4.1	O tratamento das perguntas abertas	129
3.4.2	A construção de novas variáveis	131
3.4.3	As variáveis independentes	133
3.5	Breve sociografia do inquérito	134
PARTE II	A FECUNDIDADE DAS FAMÍLIAS	144
Capítulo 1	O retrato da fecundidade das famílias portuguesas	145
1.1	Os projectos, os ideais e as descendências	146
1.2	As tensões entre os ideais e as descendências	150
1.3	O planeamento dos nascimentos	151
1.4	O calendário da fecundidade	153
1.5	O impacto do contexto social: a escolaridade, a classe social e a trajectória da condição perante o trabalho das inquiridas	157
1.5.1	Os projectos, os ideais e as descendências	160

1.5.2	As tensões entre os ideais e as descendências	169
1.5.3	O planeamento dos nascimentos	172
1.5.4	O calendário da fecundidade	177
1.6	O impacto do tempo social: a coorte de entrada na maternidade	185
1.6.1	Os projectos, os ideais e as descendências	186
1.6.2	As tensões entre os ideais e as descendências	190
1.6.3	O planeamento dos nascimentos	192
1.6.4	O calendário da fecundidade	193
1.7	Síntese conclusiva	197
Capítulo 2	A fecundidade contida: a “construção” e a «razão» da descendência de filho único	205
2.1	Os tipos de “construção” da descendência de filho único	206
2.2	As «razões» do ideal inicial de filho único (análise de uma pergunta aberta)	209
2.3	As «razões» da descendência de filho único (análise de uma pergunta aberta)	211
2.4	O impacto do contexto social nas «razões»: a escolaridade, a classe social e a trajectória da condição perante o trabalho das inquiridas	213
2.5	Síntese conclusiva	217
PARTE III	AS FUNÇÕES DOS FILHOS NA FAMÍLIA	221
Capítulo 1	As funções simbólicas dos filhos	222
1.1	A valorização das funções	222
1.2	As duas funções mais importantes	225
1.2.1	Os pares de dimensões: afectos, expressividade, estatuto e instrumentalidade	227
1.3	A dimensão mais tradicional do lugar dos filhos	230
1.4	O impacto das características da descendência: a idade, o género e a dimensão	232
1.5	O impacto do contexto social: a escolaridade, a classe social e a trajectória da condição perante o trabalho das inquiridas	234
1.5.1	As dimensões valorizadas	234
1.5.2	As funções valorizadas	238
1.5.3	A adesão à dimensão tradicional	241
1.6	O impacto do tempo social: a coorte de entrada na maternidade	243
1.6.1	A adesão à dimensão tradicional	243
1.6.2	As funções valorizadas	244
1.7	As «outras» funções dos filhos (análise de uma pergunta aberta)	245
1.8	Síntese conclusiva	249
Capítulo 2	A função produtiva dos filhos (o trabalho doméstico e o trabalho profissional)	253
2.1	As expectativas das inquiridas em relação à participação de filhos e filhas no trabalho doméstico	254
2.2	O trabalho doméstico e os seus actores	257

2.3	Filhos e filhas no trabalho doméstico: participação nas tarefas, tipo de tarefas, número de tarefas e autonomia no desempenho	259
2.4	Filhos e filhas no trabalho profissional: ocupação, rendimentos e contribuição para as despesas	270
2.5	O impacto do contexto social: a escolaridade, a classe social e a trajetória da condição perante o trabalho das inquiridas	282
2.5.1	O impacto no trabalho doméstico de filhos e filhas	282
2.5.2	O impacto no trabalho profissional de filhos e filhas	292
2.6	Filhos e filhas, contribuição instrumental e contexto social	302
2.7	A função produtiva de filhos e filhas na família: práticas, representações e contextos sociais	306
2.8	Síntese conclusiva	310
CONCLUINDO...		316
I	O retrato matizado do lugar dos filhos nas famílias portuguesas: interpelando o “modelo procriativo único”	318
	<i>Retrato(s) da fecundidade</i>	318
	<i>Retrato(s) das funções dos filhos</i>	324
	<i>O impacto das características da descendência nas funções dos filhos</i>	330
II	Tempo social e sentido das mudanças: linhas de ruptura e de continuidade	334
	<i>Linhas de ruptura</i>	335
	<i>Linhas de continuidade</i>	339
III	Contextos sociais e diversidade: perfis tradicionais, de transição e modernos	341
	<i>Perfis de fecundidade</i>	342
	<i>Perfis de funções dos filhos</i>	344
	<i>Para lá dos perfis: o impacto da trajetória da condição perante o trabalho</i>	348
IV	A descendência “mínima”: primeiras reflexões sobre a realidade do filho único na sociedade portuguesa contemporânea	350
V	<i>Famílias, fecundidades e funções dos filhos: grandes tendências, considerações finais</i>	352
BIBLIOGRAFIA		360
ANEXOS		384
Anexo I	Inquérito por questionário	385
Anexo II	Quadro-síntese da operacionalização dos conceitos	414
Anexo III	Quadro-síntese de indicadores, perguntas e categorias de resposta	416
Anexo IV	Quadro-síntese da condição perante o trabalho	419
Anexo V	Quadro-síntese de perfis	420

ÍNDICE DE QUADROS

PARTE I

1.1	Taxa de natalidade (‰) – Portugal e UE 15, 1960-2005	59
1.2	Índice sintético de fecundidade – EU 15, 1960-2004	61
1.3	Idade média da mulher ao nascimento do primeiro filho – Portugal, 1960-2003; e idade média da mulher ao nascimento de um filho – Portugal e UE 15, 1995-2003	62
1.4	Nados-vivos fora do casamento (% do total de nados-vivos) – Portugal e UE 15, 1960-2004	65
1.5	Índice sintético de fecundidade – Portugal e NUTS II, 1991-2001	66
1.6	ISF das mulheres portuguesas e estrangeiras residentes em Portugal e ISF nos países de origem – 2001	67
1.7	Indicadores da fecundidade em diferentes inquéritos (quadro-síntese)	72
1.8	Razões do desfasamento entre aspiração inicial e descendência efectiva – EB56.2 (%) – Portugal e UE 15	74
1.9	Motivos possíveis para o declínio da fecundidade nas gerações mais recentes – IFF (% de inquiridos que dizem <i> muito importante</i> em cada categoria)	85
1.10	Áreas de utilização dos rendimentos dos casais portugueses com filhos – FPC (% de respostas em cada área)	86
1.11	Razões para desejar ter filhos – IFF (% que refere <i> importante</i>)	93
1.12	Dados de caracterização biográfica e social das inquiridas (N e %)	135
1.13	Evolução das características sociais das inquiridas, segundo a coorte (%)	138
1.14	Nível de escolaridade, segundo a trajectória da condição perante o trabalho (%)	139
1.15	Dados de caracterização das descendências (N e %)	141

PARTE II

2.1	Projecto inicial (N e %)	146
2.2	Ideal inicial (N e %)	147
2.3	Ideal abstracto (N e %)	148
2.4	Projecto actual (N e %)	149
2.5	Descendência actual (N e %)	149
2.6	Tensões entre os ideais e as descendências (N e %)	151
2.7	Planeamento de cada nascimento, segundo a ordem dos nascimentos (%)	152
2.8	Tipo de planeamento dos nascimentos, segundo o número de filhos dados à luz (%)	153
2.9	Idade no nascimento dos filhos (N e %)	154
2.10	Intervalo entre o início da conjugalidade e o primeiro nascimento (N e %)	155
2.11	Intervalo entre o primeiro e o último nascimento (N e %)	156
2.12	Intervalos entre nascimentos (primeiro e segundo; segundo e terceiro) (N e %)	157
2.13	Projecto inicial, segundo o contexto social (%).....	161
2.14	Ideal inicial, segundo o contexto social (% e média)	163
2.15	Ideal abstracto, segundo o contexto social (% e média)	164
2.16	Descendência actual, segundo o contexto social (% e média)	166
2.17	Dimensão da descendência, segundo a escolaridade e a trajectória (%)	168

2.18	Tensão entre ideal inicial e descendência actual, segundo o contexto social (%).....	170
2.19	Tensão entre ideal abstracto e descendência actual, segundo o contexto social (%)	171
2.20	Planeamento do primeiro e do último nascimento, segundo o contexto social (%)	173
2.21	Planeamento de todos os nascimentos, segundo o contexto social (%).....	174
2.22	Tipo de planeamento dos nascimentos, segundo a escolaridade e a trajetória (%).....	176
2.23	Idade no nascimento do primeiro filho, segundo o contexto social (% e média)	178
2.24	Idade no nascimento do último filho, segundo o contexto social (% e média)	180
2.25	Intervalo entre o início da conjugalidade e o primeiro nascimento, segundo o contexto social (% e média) ...	182
2.26	Intervalos entre nascimentos, segundo o contexto social (% e média)	183
2.27	Projecto inicial, segundo a coorte (%).....	187
2.28	Ideal inicial, segundo a coorte (%).....	187
2.29	Ideal abstracto, segundo a coorte (%).....	188
2.30	Descendência actual, segundo a coorte (%).....	189
2.31	Tensão entre ideal inicial e descendência actual, segundo a coorte (%).....	190
2.32	Tensões entre ideal abstracto e descendência actual, segundo a coorte (%).....	191
2.33	Planeamento do primeiro e do último nascimento, segundo a coorte (%).....	192
2.34	Planeamento de todos os nascimentos, segundo a coorte (%).....	193
2.35	Idade no nascimento do primeiro filho, segundo a coorte (% e média)	194
2.36	Idade no nascimento do último filho, segundo a coorte (% e média)	194
2.37	Intervalo entre o início da conjugalidade e o primeiro nascimento, segundo a coorte (% e média)	195
2.38	Intervalo entre o primeiro e o segundo nascimento, segundo a coorte (% e média)	197
2.39	Projecto inicial das inquiridas que têm descendências de filho único (N e %)	206
2.40	Ideal inicial das inquiridas que têm descendências de filho único (N e %)	206
2.41	Tipo de “construção” das descendências de filho único, a partir dos cenários procriativos iniciais – projecto e ideal (N e %)	207
2.42	Planeamento do primeiro nascimento actual, segundo o modo de “construção” das descendências de filho único (%).....	208
2.43	Projecto actual, segundo o modo de “construção” das descendências de filho único (%).....	208
2.44	«Razões» do ideal inicial de filho único (N e %)	210
2.45	«Razões» para não querer ter mais filhos (%).....	212
2.46	«Razões» para não querer ter mais filhos, segundo o tipo de “construção” das descendências de filho único (%)	213
2.47	«Razões» do ideal inicial de filho único, segundo o contexto social (%).....	214
2.48	«Razões» para não querer ter mais filhos (nas descendências de filho único), segundo o contexto social (%) .	215

PARTE III

3.1	As funções dos filhos (%).....	223
3.2	As duas funções fundamentais dos filhos (% de casos)	226
3.3	Dimensões das funções fundamentais dos filhos (% de casos)	227
3.4	Pares de dimensões e respectivos pares de funções fundamentais (%).....	229

3.5	Funções isoladas pela dimensão resultante da análise de correspondências múltiplas	231
3.6	Grau de adesão à dimensão tradicional (%).	232
3.7	Dimensões segundo as características da descendência (% de casos)	233
3.8	Funções da dimensão instrumental, segundo a idade do filho mais velho (% de sins)	234
3.9	Dimensões segundo o contexto social (% de casos)	235
3.10	Pares de dimensões segundo o contexto social (%).	237
3.11	As duas funções fundamentais dos filhos, segundo o contexto social (% de casos)	239
3.12	Grau de adesão à dimensão tradicional, segundo o contexto social (%)	242
3.13	Grau de adesão à dimensão tradicional, segundo a coorte (%)	244
3.14	As funções dos filhos, segundo a coorte (% de casos)	245
3.15	Outras funções dos filhos (N e %)	246
3.16	Outras funções dos filhos, segundo o contexto social (N e % de sins / “mancha”)	248
3.17	Tipo de partilha das tarefas domésticas que as inquiridas procuram ter com filhos e filhas e que procuram ter com o cônjuge (N e %)	254
3.18	Tipo de partilha das tarefas domésticas que as inquiridas procuram ter com filhos e filhas, segundo as características da descendência (%)	256
3.19	Todas as pessoas que fazem sempre ou muitas vezes cada tarefa doméstica (% de sins em cada pessoa/ tarefa)	258
3.20	Famílias que têm pelo menos um filho e famílias que têm pelo menos uma filha, segundo a participação de filhos e filhas em cada tarefa doméstica (N e % de sins)	260
3.21	Nº de tarefas domésticas que filhos e filhas fazem sempre ou muitas vezes (N e %)	261
3.22	Número de tarefas domésticas que filhos e filhas fazem sempre sozinhos (N e %)	262
3.23	Tipo de tarefas domésticas que filhos e filhas fazem sempre sozinhos (N e % de respostas)	263
3.24	Participação de filhos e filhas nas tarefas domésticas (fazem pelo menos uma sempre ou muitas vezes), segundo a idade e o sexo do filho mais velho (%)	264
3.25	Número de tarefas domésticas que filhos e filhas fazem sempre ou muitas vezes, segundo a idade e o sexo do filho mais velho (% e média)	265
3.26	Participação de filhos e filhas em cada tarefa doméstica (fazem sempre ou muitas vezes), segundo o sexo e a idade do filho mais velho (% de sins)	266
3.27	Participação dos rapazes nas tarefas domésticas (fazem pelo menos uma/nº de tarefas), em famílias com filhos do sexo masculino e em famílias com filhos de ambos os sexos (%)	267
3.28	Participação de filhos e filhas nas tarefas domésticas (fazem pelo menos uma sempre ou muitas vezes/nº médio de tarefas), em famílias com filhos de ambos os sexos (%)	267
3.29	Relação entre expectativas das inquiridas e participação de filhos e filhas nas tarefas domésticas, em famílias só de rapazes e em famílias só de raparigas (%)	269
3.30	Participação ou não de filhos e filhas nas tarefas domésticas, em função das expectativas, em famílias só de rapazes e em famílias só de raparigas (%)	270
3.31	Ocupação de todos os filhos e filhas com 6 e mais anos (N e %)	272
3.32	Existência de rendimentos e contribuição para as despesas domésticas (N e %)	272

3.33	Famílias que têm pelo menos um filho/uma filha que trabalha ou ajuda na empresa familiar, que tem rendimentos próprios e que contribui para as despesas domésticas, segundo o número de filhos/filhas que trabalham, têm rendimentos e contribuem (N e %)	273
3.34	Famílias que têm pelo menos um filho/uma filha que trabalha ou ajuda na empresa familiar, que tem rendimentos próprios e que contribui para as despesas domésticas, segundo as características da descendência (filhos co-residentes com 6 e mais anos) (% de sins)	275
3.35	Características da descendência nas famílias em que pelo menos um filho/uma filha trabalha ou ajuda e nas famílias em que nenhum filho/filha trabalha ou ajuda (%)	277
3.36	Ocupação actual do filho mais velho, segundo a idade e o sexo (%)	278
3.37	Ocupação actual do filho/filha mais velho, segundo a idade e a dimensão da descendência (%)	280
3.38	Filhos/filhas mais velhos com e sem rendimentos próprios e que contribuem, segundo a ocupação actual (N e %)	281
3.39	Tipo de partilha das tarefas domésticas que as inquiridas procuram ter com filhos e filhas, segundo o contexto social (%).....	283
3.40	Famílias que têm pelo menos um filho e famílias que têm pelo menos uma filha, segundo a sua participação nas tarefas domésticas (fazem sempre ou muitas vezes) e o contexto social (% de sins)	285
3.41	Número médio de tarefas domésticas que filhos e filhas fazem sempre ou muitas vezes (quando fazem pelo menos uma), segundo o contexto social (N e média)	287
3.42	Famílias em que pelo menos um filho/uma filha faz tarefas domésticas sempre ou muitas vezes, segundo aqueles que fazem uma ou mais tarefas sozinhos e o contexto social (N e % de sins)	288
3.43	Famílias em que pelo menos um filho/uma filha faz tarefas domésticas sempre ou muitas vezes (e tipo de tarefas), segundo a escolaridade das inquiridas (%)	289
3.44	Relação entre expectativas das inquiridas e participação de filhos e filhas nas tarefas domésticas, segundo o contexto social (%)	291
3.45	Famílias em que pelo menos um filho/uma filha trabalha ou ajuda na empresa familiar, tem rendimentos e contribui para as despesas, segundo o contexto social (N e % de sins)	293
3.46	Famílias em que pelo menos um filho/uma filha trabalha ou ajuda na empresa familiar, segundo a escolaridade e a trajectória da condição perante o trabalho das inquiridas (N e % de sins)	294
3.47	Ocupação do filho/filha mais velho, segundo a idade e o contexto social (%)	295
3.48	Ocupação do filho mais velho (≥ 16 anos), segundo o sexo e o contexto social (%)	297
3.49	Situação dos filhos mais velhos e das filhas mais velhas (≥ 16 anos) face aos rendimentos e trabalho doméstico, segundo a ocupação actual (N e %)	299
3.50	Famílias em que pelo menos um filho/uma filha trabalha ou ajuda na empresa familiar e tem rendimentos e famílias em que pelo menos um filho/uma filha trabalha ou ajuda na empresa familiar e não tem rendimentos, segundo o contexto social (N e %)	301
3.51	Tipo de contribuição instrumental de filhos e filhas, segundo as características da descendência (filhos e enteados co-residentes com 6 e mais anos) (%)	303
3.52	Tipo de contribuição instrumental de filhos e filhas, segundo o contexto social (%)	305
3.53	Valorização da função produtiva, segundo o tipo de contribuição instrumental de filhos e filhas (%)	306

3.54	Famílias que têm algum tipo de contribuição instrumental e que não valorizam a função produtiva e famílias que não têm nenhuma contribuição instrumental e que valorizam a função produtiva, segundo o contexto social (% de casos)	309
------	---	-----

ANEXOS

A.1	Operacionalização dos conceitos-chave da fecundidade e das funções dos filhos (quadro-síntese)	414
A.2	Indicadores, perguntas e categorias de resposta do Inquérito FPC (quadro-síntese)	416
A.3	Condição das inquiridas perante o trabalho nos três momentos (%)	419
A.4	Contextos sociais, perfis de fecundidade, perfis de funções (quadro-síntese)	420

INTRODUÇÃO GERAL

Etapa de um percurso que temos vindo a trilhar, com a finalidade de **apreender a diversidade dos modos de representar e construir o lugar dos filhos nas famílias portuguesas contemporâneas**, esta é a forma breve que encontramos para enunciar a tese contida em *Famílias, Fecundidades e Funções dos Filhos*.

Lançámo-nos nesta travessia movidos pelo interesse em conhecer as profundas mudanças no lugar dos filhos no quadro da vida familiar, que ocorreram nas sociedades ocidentais no decurso do século XX. Foram mudanças *quantitativas* muito expressivas na fecundidade, tanto a nível da diminuição das descendências e dos seus calendários mais tardios e concentrados, como a nível dos ideais mais contidos e uniformes, de tal modo que promoveram a consolidação de um modelo ideal de descendência ancorado na “norma dos dois filhos”. Mas foram mudanças *qualitativas* igualmente emblemáticas nas motivações para a procriação, nos fundamentos da socialização, nas expectativas colocadas nos filhos e nas funções que desempenham no quadro da vida familiar, convergindo para a centralidade da criança na própria ideia de família e enquanto reduto de segurança afectiva, por contraste com os restantes laços que têm uma natureza mais “volátil”. E estes dois traços decisivos do lugar da criança – “norma dos dois filhos” e primado dos afectos – são de tal forma consensuais, que concorreram para a ideia da radicação de um “modelo procriativo único” nas sociedades ocidentais contemporâneas (Kellerhals et al., 1982).

Ora, as mudanças *quantitativas* e *qualitativas* no lugar dos filhos são de facto tão palpáveis e estão de tal modo entrelaçadas, que as Ciências Sociais, desde Ariès (1960), têm sido tentadas a pôr a nu o contraste flagrante entre as sociedades tradicionais, por um lado, e sociedades modernas e contemporâneas, por outro. As famílias do passado, necessariamente prolíficas e dependentes da contribuição instrumental de todos os seus membros (mesmo dos mais novos) para a sobrevivência doméstica, foram substituídas, então, pelas famílias do presente, centradas no bem-estar afectivo e que restringem intencionalmente o número de filhos de forma a investir material e afectivamente em cada um deles.

Contudo, estas mudanças só foram possíveis no quadro das reformas sociais mais vastas que tiveram lugar, a diferentes ritmos, nestas sociedades. Referimo-nos em concreto à entrada em cena, em meados século XX, dos novos métodos contraceptivos de alta eficácia, que mudaram definitivamente a relação dos indivíduos com a

sexualidade e a reprodução ao transformarem a fecundidade numa arena onde se jogam preferências e se tomam decisões. Mas também das extensas transformações do tecido social e económico que permitiram dispensar as crianças, e depois os jovens, da sua função produtiva tradicional, ou seja, da sua quota de responsabilidade na subsistência doméstica.

A sociedade portuguesa também tem sido palco deste conjunto de mudanças, apesar da sua história mais ou menos recente ter imprimido um calendário específico tanto no processo de transição demográfica (Bandeira, 1996, Ferrão, 1996) e no acesso difuso a um planeamento familiar consistente (INE, 2001; Almeida, 2004), como na lenta transformação do tecido social e económico, responsável pela persistência de contrastes pujantes que se reflectem nas práticas e nos valores de que as diferentes franjas sociais são detentoras, nomeadamente no que respeita à vida familiar. É um traço inequívoco da “modernidade inacabada” da sociedade portuguesa actual, como alguns autores convencionaram designar (Machado e Costa, 1998).

Ora, em *Famílias, Fecundidades e Funções dos Filhos* procurámos aprofundar o retrato do lugar da criança nas famílias portuguesas inicialmente delineado num trabalho anterior (Cunha, 2000), interpelando o “modelo procriativo único” no quadro da sociedade portuguesa contemporânea, de modo a fazer luz sobre a diversidade que está para lá daqueles dois traços estruturantes. Falamos em *famílias* e não em família, pois a sua existência desenrola-se em (e é determinada por) diferentes contextos sociais e “temporais”; em *fecundidades* e não em fecundidade, na medida em que esta é uma realidade ainda marcada por fortes assimetrias; em *funções* e não em função, pois, apesar de não colocarmos em causa a centralidade dos afectos na fabricação destes laços, estamos em crer que sobre os filhos recai um leque bem mais vasto de expectativas, nomeadamente algumas de natureza mais instrumental. É, em suma, esta pluralidade de retratos que queremos apreender e restituir.

O desenho da pesquisa contemplou, assim, três eixos de desenvolvimento: 1) aliar à análise da fecundidade a das funções dos filhos, tanto a nível dos valores das famílias como das práticas efectivas dos filhos numa esfera específica da vida familiar e doméstica (a esfera produtiva); 2) afinar a observação dos contextos sociais e do seu papel determinante nas experiências familiares (a partir da escolaridade, da classe social e da trajectória da condição perante o trabalho), designadamente no que respeita àquelas duas dimensões do lugar dos filhos; 3) e complementar este olhar sobre os contextos com a auscultação do tempo social (a partir da coorte de entrada na maternidade), não

só de modo a conhecer o sentido das mudanças operadas no lugar dos filhos nas famílias portuguesas ao longo das últimas décadas (dos anos 70 aos anos 90), mas também para perceber como a sucessão (ou a sobreposição) de “tempos” distintos se reflecte num retrato captado em dado momento.

Para darmos conta deste objectivo recorreremos ao mesmo material empírico, um inquérito extensivo de 1999 a famílias portuguesas com filhos, sendo a mulher a nossa “porta de entrada” na vida familiar. Na verdade, tanto o trabalho produzido no âmbito do mestrado como no do doutoramento decorreram sob condições de acolhimento muito particulares e favoráveis, já que resultaram da nossa participação em “Famílias no Portugal Contemporâneo – momentos de transição, interacções familiares e redes sociais”, projecto de investigação do Instituto de Ciências Sociais (ICS/UL) e do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES/ISCTE), que se propôs a conhecer, de forma aprofundada e a partir de uma inquirição de âmbito nacional, “o panorama actual e diversificado das famílias (casais com filhos) na sociedade portuguesa contemporânea, partindo das suas dinâmicas internas (conjugais, parentais, familiares) e procurando relacioná-las sistematicamente com os factores sociais, temporais e de género que as influenciam” (Wall, 2005b, p.35). Este manancial de informação estatística, apenas parcialmente explorado na nossa primeira aproximação à realidade do lugar dos filhos nas famílias portuguesas, constituiu mais uma vez, pela sua riqueza e potencialidade, a nossa base de trabalho.

Impõe-se agora uma breve apresentação de *Famílias, Fecundidades e Funções dos Filhos*, de maneira a familiarizar o leitor com as opções de fundo que tomámos no que respeita à forma e ao conteúdo. A tese é desenvolvida em três partes, acrescidas desta introdução geral e de uma conclusão também geral.

Na **Parte I** detalhamos os principais itinerários teóricos e metodológicos em três capítulos. No **capítulo 1** damos conta da evolução no tempo longo do lugar da criança na família, a partir da análise dos comportamentos procriativos e do valor social da criança em épocas distintas da História da sociedade ocidental, de modo a encontrar o fio condutor que conduziu à elevação do lugar da criança nas famílias contemporâneas a objecto de interesse sociológico. No **capítulo 2** procuramos apresentar um esboço do lugar dos filhos nas famílias portuguesas contemporâneas, fazendo algumas pontes com o panorama europeu, a partir dos resultados de trabalhos recentes sobre a fecundidade, os comportamentos procriativos e o valor social da criança. O **capítulo 3** dá a conhecer o modelo de análise – com a delimitação do objecto de estudo, a operacionalização dos

conceitos teóricos fundamentais e a construção das hipóteses de trabalho –, assim como as principais opções metodológicas que presidiram à realização do trabalho empírico, nomeadamente no que respeita ao instrumento de recolha da informação, à população, à amostra e ao tratamento dos dados assim obtidos. É ainda proposta uma breve sociografia do inquérito, a partir de alguns dados de caracterização das famílias e das descendências.

A **Parte II** apresenta, em dois capítulos, os resultados sobre a fecundidade das famílias portuguesas. O **capítulo 1** procura fazer um primeiro retrato da fecundidade, a partir da análise de várias dimensões sociologicamente relevantes: as aspirações, as representações, as tensões e as práticas procriativas. Cruzamo-nos com os projectos e os ideais de fecundidade, bem como com as descendências efectivas e os desfasamentos que existem a esse nível, i.e., as tensões entre ideais e descendências; mas cruzamo-nos também com o planeamento dos nascimentos e o seu calendário, ou seja, os ritmos da carreira reprodutiva no ciclo de vida pessoal e conjugal (abertura, encerramento, intervalos). O **capítulo 2** “nasceu” de um interesse desencadeado por resultados do capítulo anterior, a saber, o peso das descendências de filho único no quadro do ideal normativo dos dois filhos. Procurámos, assim, conhecer o que sustenta a fecundidade contida. Por outras palavras, como se constrói e que razões ditam as descendências de filho único, a partir da produção de um novo indicador e do tratamento de duas perguntas abertas do questionário.

A **Parte III** apresenta, igualmente em dois capítulos, a análise dos resultados sobre as funções dos filhos nas famílias portuguesas. No **capítulo 1** procuramos conhecer todas as funções dos filhos que as inquiridas valorizam no quadro da vida actual (afectivas, expressivas, instrumentais, estatutárias), bem como aquelas que são, realmente, as duas fundamentais. A partir da construção de um novo indicador tentamos dar conta da prevalência, no quadro actual, de uma dimensão mais tradicional do lugar dos filhos nas famílias portuguesas. Por fim, a partir de uma questão aberta procuramos ainda dar espaço para a emergência de “outras funções” não contempladas na inquirição. O **capítulo 2**, no seguimento da análise anterior, designadamente da constatação da persistência de alguma expectativa de instrumentalidade, observa a função produtiva dos filhos no quotidiano, i.e., a sua participação em duas esferas: na doméstica, com o nível, o tipo e a intensidade de participação nas tarefas; e na profissional, com a sua ocupação actual, a existência de rendimentos próprios e a contribuição para as despesas

da casa. Finalmente, a partir de um indicador de síntese, analisa-se a incidência da contribuição instrumental (doméstica e profissional) dos filhos nas famílias portuguesas.

É preciso acrescentar em relação às Partes II e III, ambas de apresentação dos resultados, que adoptámos a estratégia de fazer uma **síntese conclusiva** no final de cada capítulo, onde são apresentados e discutidos os principais resultados aí obtidos. Por outro lado, nestes capítulos também estão reflectidas as nossas interrogações acerca do impacto do tempo e dos contextos sociais na produção de realidades matizadas, pelo que analisamos sistematicamente os resultados à luz das nossas variáveis-chave: **a escolaridade, a classe social, a trajectória da condição perante o trabalho e a coorte de entrada na maternidade**. É ainda preciso acrescentar que a Parte III é atravessada por um questionamento secundário, mas incontornável, que se prende com o impacto das **características das descendências**, pois não poderíamos compreender cabalmente as funções dos filhos no quadro da vida familiar sem ter em conta as assimetrias que estas características, e em concreto o género, ainda produzem na vida quotidiana das famílias.

Finalmente, a conclusão geral desenvolve-se em cinco pontos. Primeiro, retomamos o retrato (bem matizado) do lugar dos filhos nas famílias portuguesas, nas suas duas dimensões, de modo a interpelar o “modelo procriativo único”. Em segundo lugar, procuramos traçar o sentido das mudanças dos anos 70 aos anos 90, de modo a conhecer as linhas de ruptura e de continuidade no lugar dos filhos. Em terceiro lugar, a partir dos contextos sociais, damos ênfase à diversidade encontrada a partir da reconstituição de diferentes perfis de fecundidade e de funções: tradicionais, de transição e modernos. Em quarto lugar, fazemos uma breve reflexão sobre a questão das descendências de filho único na sociedade portuguesa e os seus significados. Por último, deixamos algumas considerações finais e apontamos as grandes tendências no lugar dos filhos nas famílias portuguesas contemporâneas.

Antes de avançarmos, gostaríamos de fazer um último apontamento. Quando empreendemos este trabalho, estabelecemos implicitamente como meta (ingénua) fechar um ciclo de reflexão sobre o lugar da criança na família, a que tínhamos dado início anos antes com a dissertação de mestrado, na medida em que muitas interrogações então formuladas ficaram sem resposta devido aos limites próprios deste tipo de trabalho académico (Cunha, 2000). Dar seguimento àquela linha de investigação, no quadro menos restritivo do doutoramento e a partir de um material empírico muito fértil, surgiu quase naturalmente como uma segunda janela de oportunidades. Foi isso mesmo que

fizemos. Mas justamente porque *Famílias, Fecundidades e Funções dos Filhos* desenvolveu, aprofundou e complementou o retrato inicialmente traçado do lugar dos filhos nas famílias portuguesas contemporâneas, também suscitou novas questões e pistas de reflexão. Na verdade, mais do que fechar um ciclo, contribuiu para nos colocar perante novos desafios. Mas esta é, no fim de contas, a natureza intrínseca do questionamento científico.